

## **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E A SUA RELEVÂNCIA NA FORMAÇÃO DO FUTURO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM<sup>1</sup>**

Paulo Isaac de Souza Campos

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE-CAA  
Isaac.campos18@hotmail.com*

Luciana Dilane dos Santos Barbosa

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE-CAA  
Luciana.barbosa@unifavip.edu.br*

Andreza Cavalcanti Vasconcelos

*Universidade Federal de Pernambuco - UFPE-CAA  
andrezacavalcanti@hotmail.com*

### **RESUMO**

Longa é a discussão pode ser feita com essa temática, uma reflexão sobre a educação deve ser feita em constante frequência, principalmente na perspectiva de compreender (ou de auto perceber) a formação humana para ser um educador. Que além de suas características pessoais, este pode ser influenciado pelo meio, pelas suas experiências e pelas inconstâncias cotidianas. Ressaltando a importância do processo de formação humana, como uma ponte para estabilidade de uma reflexão interior, se perceber como professor estimulante, fortalecedor da construção didática e cognitiva de seu aluno, reconhecer e respeitar as diferenças (principalmente que o aprender não é uniforme), vencer suas próprias barreiras, buscar aumentar suas características de uma educação emocional e principalmente perceber que compreender o ser humano perpassa o ser humano. Visto a importância da inteligência emocional como contribuinte para o sucesso acadêmico, numa busca de servir de base para que os alunos possam ser vistos de maneira integral principalmente na esfera psicológica. Partindo de um ponto na qual os alunos passam a encarar essa nova etapa com uma responsabilidade maior, sendo por si só um fator estressante. Nessa revisão o objetivo é retratar as principais contribuições que a discussão sobre inteligência emocional propicia no ensino superior em enfermagem, a luz dos principais teóricos, desvelando alguns tipos de inteligências, relevância para a educação, principalmente para os estudantes de enfermagem que estão cerceados por intempéries emocionais.

Palavras-chaves: Inteligência emocional; Aprendizagem; Enfermagem

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi produzido sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Leal. Doutora em Educação/ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/ Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECEM /Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE).

## INTRODUÇÃO

Existem diversas definições para a Inteligência Emocional, na verdade, seus pressupostos surgiram com Gardner (1995), cujos estudos fugiam de um contexto unidimensional, mostrando que o ser humano possui inteligências múltiplas, diferindo em seus perfis. Corroborando com esses estudos Röhr (1999) defende que o humano possui diversas dimensões, e que para uma educação de cunho integral, a didática empregada deve englobar todas elas.

A temática da inteligência emocional se tornou popular com os estudos de Goleman (2001) que a considera como sendo a capacidade de reconhecer tanto os próprios sentimentos, como também o dos outros, de nos motivarmos e de administrar bem as emoções, tanto intimamente, quanto nas relações com o mundo. Vale salientar que cada conceito emerge da abordagem teórica que a sustenta, cujas origens remontam à Psicologia Social e à inteligência pessoal (COSTA, 2009).

Goleman (2001) defende que possuímos duas mentes: a racional e a emocional. Existe, segundo o autor, uma ligação entre a emoção e a cognição, sendo que a primeira não pode ser entendida apenas em termos do que ocorre no interior da pessoa, ou no cérebro, mas está também interligada a acontecimentos do meio ambiente, significativos para o bem-estar do sujeito.

No contexto em que o ambiente é um fator propulsor do ensino, pode-se afirmar que existem três princípios básicos baseados na educação que são mediadas pela inteligência emocional e que contribuem para um bom desempenho acadêmico: 1) Que se faz necessário um suporte emocional no processo de aprendizagem; 2) Que as emoções positivas favorecem o aprendizado numa retroalimentação positiva de ensino e; 3) As interações sociais do sujeito devem ser valorizadas (ALZINA; GONZÁLOS; NAVARRO, 2015).

Frequentemente, no Curso de Enfermagem, os estudantes vivenciam situações acadêmicas variadas em função das dificuldades que encontram. Os indivíduos emocionalmente mais inteligentes se ajustam melhor às provocações externas, lidam melhor com as contingências da vida, criam e desenvolvem redes de relações interpessoais que lhes permitem lidar mais facilmente com fontes de stress e estabelecem relações mais saudáveis com os outros (REGO; FERNANDES, 2005). Nesse ponto de relação, Casassus (2009) assegura que o desenvolvimento sadio das fontes emocionais tem suas raízes justamente na inteligência intrapessoal e interpessoal.

No estudo desenvolvido por Diogo et al. (2015) sobre a inteligência emocional em estudantes de

Enfermagem, está evidenciado que apresentam uma efetiva capacidade emocional e social, que os dotam de boas capacidades interpessoais, estendendo esse contributo para o trabalho (mesmo sob pressão), lhes permitindo lidar eficazmente com as demandas. Os autores Espinoza-Venegas et al. (2015) evidenciaram que os estudantes apresentam na fase inicial do Curso uma insegurança, diferente daqueles que estão em anos finais, que parecem dotados de uma maior capacidade de gestão emocional. Este fato, também encontrado no estudo de Porta-Nova (2009), evidencia que parece haver um maior risco para problemas que afetam o bem-estar psicológico, prevalecendo, principalmente, nos alunos do primeiro ano dos cursos das Ciências da Saúde. Destacamos, neste sentido, a importância da inteligência emocional como contribuinte para o sucesso acadêmico, numa busca de servir de base para que os alunos possam ser vistos de maneira integral, principalmente na esfera psicológica, já que muitos passam a encarar essa nova etapa com uma responsabilidade maior, sendo isto, por si só, um fator estressante.

A escolha pelo ensino de Enfermagem se dá pelo contexto em que os alunos estão inseridos, em um meio permeado por estresse, por pressão, pelo intenso desgaste psicológico que requer cuidados aos pacientes, além da descoberta de um novo mundo cheio de responsabilidades. Nessa revisão, nosso objetivo é retratar as principais contribuições que a discussão sobre inteligência emocional propicia no ensino superior em Enfermagem, a luz dos principais teóricos, desvelando alguns tipos de inteligências e sua relevância para a educação, principalmente para os estudantes de Enfermagem que, comumente, estão cerceados por intempéries emocionais.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão bibliográfica, elaborada através de conhecimentos científicos obtidos na literatura nas bases de dados: LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), PubMed (*United States National Library of Medicine*), EBSCO (Elton B. Stephens Comp.) e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), além da análise da legislação brasileira a respeito da temática. Foram selecionadas referências que seguiram os critérios de inclusão: o idioma em português e espanhol, que contemplassem a temática abordada, utilizando-se os seguintes descritores: “inteligência emocional”, “ensino”, “Enfermagem”. Os artigos selecionados seguiram um recorte atemporal, buscando os principais teóricos acerca da temática. Após a pesquisa, as respectivas referências

foram analisadas para o levantamento de ideias e argumentos para conclusão deste estudo.

Ademais, durante a procura e análise dos artigos houve uma limitação na busca, pois quando procuramos por “inteligência emocional”, os resultados tinham números exuberantes, porém, quando se restringia ao ensino em Enfermagem, os resultados eram limitados, associando-a a síndrome de *Burnout*, sem trazer frutos das bases de inteligência, o que gerou inquietações para novas pesquisas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A inteligência emocional é vista numa pluralidade de acepções, na qual cada teórico faz sua contribuição de modo a construir esse conceito de maneira mais integral possível. Röhr (1999) destaca que o ser humano é composto por múltiplas dimensões. Ele considera a existência de cinco dimensões básicas: física (o corpo e a dimensão biológica), sensorial (a percepção dos sentidos), emocional (os estados emocionais), mental (as capacidades do âmbito racional, como criar) e espiritual (onde residem os valores éticos e morais).

Para Gardner (1995), existem sete tipos de inteligências: linguística (desenvolvendo a capacidade de resolução a partir da linguagem verbal); lógico-matemática; a musical; a espacial; corporal cinestésica (capacidade com o uso do corpo e ou partes dele); intrapessoal e a interpessoal. Existe, ainda, a inteligência espiritual, que se refere a uma forma de se posicionar e de se relacionar não só com o que as religiões cultuam, mas consigo mesmo e com o mundo e os fatos da vida, encontrando nisto uma forma de realização cognitiva. A experiência de compreensão da realidade propiciada por essa inteligência reside na capacidade adaptativa de encontrar soluções para os problemas (SILVA, 2001).

Existe um modelo baseado na capacidade de perceber, entender, gerenciar e regular tanto as emoções próprias, como as de outras pessoas. Envolve, assim, um produto multidimensional dotado de três processos: percepção, compreensão e regulação das emoções. Julga a percepção como o reconhecimento consciente por um indivíduo de suas próprias emoções e sua capacidade de expressar o que está sentindo. A compreensão refere-se à ligação do pensar e sentir. Por fim, a regulação refere-se à capacidade de um indivíduo direcionar e gerenciar emoções positivas e negativas de forma assertiva (ESPINOZA-VENEZA et al., 2015)

Na área da saúde essas dimensões são fatores presentes nas interações, onde os cuidados humanos são manifestados, pois, no contexto patológico, os sintomas verbalizados e manifestados pelos pacientes serão recebidos e filtrados pelos profissionais de saúde, em especial os da classe de Enfermagem, que estão na linha

de frente do cuidado. Então, o agir desse profissional será refletido de acordo a natureza de sua inteligência emocional, o que, neste curso, é trabalhado desde cedo, quando os alunos são expostos a casos-problemas de situações reais. Assim, a capacidade de gerenciar as próprias emoções e de interpretar as emoções de outras pessoas é especialmente útil para o desempenho das funções dos enfermeiros. A capacidade de avaliar e distinguir as respostas emocionais de pacientes pode ser decisiva no estabelecimento de um relacionamento eficiente e significativo entre o profissional de enfermagem e o indivíduo que está recebendo os cuidados (ESPINOZA-VENEZA et al.,2015). A Enfermagem, portanto, é uma profissão que está centrada em um modo de cuidado que envolve conexões emocionais profundas, levando os profissionais a enfrentar situações complexas que produzem reações emocionais diversas e em diferentes conotações.

Uma das principais ferramentas utilizadas pela Enfermagem se refere ao relacionamento interpessoal, na medida em que o profissional reconhece que seus pacientes, apesar do processo patológico instalado que altera seu funcionamento fisiológico, reagem de modo peculiar às situações e as fragilidades emocionais de ambos, o profissional e o paciente, poderão ficar expostas. Watson (2002) salienta a importância da totalidade da natureza do indivíduo, no seu domínio físico, social, estético e moral, enquadrando o enfermeiro e o cliente numa dinâmica relacional de estreito respeito e confiança, valorizando as relações e emoções por ela geradas.

Existe uma proposta de ensino para Enfermagem denominada ensino clínico, na qual o aluno é exposto a diversas situações do processo saúde e doença. Os ensinamentos clínicos acontecem em instituições de saúde ou comunitárias, desenvolvendo as competências do perfil profissional que são adquiridas no contexto de trabalho, tendo como exemplos o trabalho em equipe e a inserção individual no trabalho. Essas provocações irão despertar os diversos sentimentos, sejam negativos ou positivos e essa metodologia visa ampliar a capacidade do aluno em avaliar e distinguir as respostas emocionais de pacientes, fomentando o estabelecimento de um relacionamento eficiente e significativo entre o profissional de enfermagem e o indivíduo que está recebendo os cuidados (SILVA; PIRES, VILELA, 2011; ESPINOZA-VENEZA et al.,2015).

Na condição do aluno estar inserido em diferentes contextos clínicos, lhe é permitido vivenciar uma complexidade de interações e de cuidados nas suas várias dimensões. Apesar destas experiências serem essenciais e ricas, são carregadas de uma explosão emocional, cujo impacto pode ser perturbador para o estudante devido à sua intensidade, cabendo ao professor intermediar com uma intencionalidade para uma transformação positiva do vivenciado (DIOGO et al.,

2016). Para Silva, Pires e Vilela (2011), a preparação desde cedo do aluno de Enfermagem para as situações reais, objetivam desenvolver habilidades emocionais, já que essas podem promover liderança profissional, melhor trabalho em equipes interdisciplinares e também melhorar a satisfação com o trabalho. Em contrapartida, uma inabilidade pode levar ao desgaste profissional e, conseqüentemente, ao adoecimento do profissional. Neste sentido, é importante respeitar o perfil emocional de cada aluno, principalmente nos períodos iniciais, por sua possível dificuldade em gerir emoções.

O estudo de Diogo et al (2016), aponta que os estudantes, e também os profissionais de enfermagem, devem aprender a gerir as suas próprias emoções e as dos pacientes. Os autores elencam, também, algumas atribuições profissionais num âmbito emocional, como: dar suporte e promover tranquilidade, delicadeza no trato pessoal, amabilidade, simpatia, utilizar o humor, ser agradável, ter paciência, conhecer o cliente e ajudar a resolver os seus problemas. Para essas habilidades sugerem que o contato pessoal deva ser face a face, por isso defendem o contato precoce do estudante no ambiente clínico, buscando desenvolver competências emocionais, para que o cuidado não seja focado apenas no tecnicismo. Os mesmos autores mencionaram que os alunos de enfermagem expressaram ser de extrema importância o papel do professor na potencialização no desempenho do trabalho emocional, com promoção do crescimento pessoal, conduzindo a mudanças de atitude, desenvolvendo sua autonomia e confiança frente aos processos instaurados.

Assim sendo, a formação em Enfermagem não deve ser tecnicista, baseando-se num modelo puramente biológico, devendo romper esses paradigmas, enxergando o paciente como personagem detentor de processos emocionais imerso num processo patológico (respeitando as dimensões cognitivas, sociais, afetivas e emocionais). O estudante, portanto, deve desenvolver suas habilidades em seu próprio processo interno para resolver os problemas externos, desenvolvendo suas competências emocionais para que consiga a aprendizagem do Cuidar de Enfermagem (RABIAIS, 2010).

Essas competências são descritas por Goleman (2001) como um conjunto de saberes, de conhecimentos, que as pessoas adquirem ao longo da vida e conseguem mobilizar e aplicar quando necessário. Ele apresenta várias competências emocionais, fragmentando a inteligência emocional em: autoconsciência, autoavaliação exata e autoconfiança. Com isso coloca em pauta que aprender a conhecer, a compreender, e a analisar as emoções e os sentimentos, constitui o caminho para o que aprendemos ou descobrimos acerca do indivíduo, facilitando, assim, as tomadas de decisões.

Neste sentido, os estudantes de Enfermagem, quanto melhor possuírem a compreensão de si próprios, melhor terão a capacidade de comunicação e o desenvolvimento de relações profissionais satisfatórias, assim como também aprenderão a gerir situações difíceis, evitando o desgaste emocional gerado pelas próprias características do trabalho, como a desmotivação, insatisfação profissional e até de situações mais graves, como a Síndrome de *Burnout* (BARREIRAS, 2014). Enfim, faz-se fundamental que o estudante de Enfermagem perceba que sua futura profissão é considerada, sobretudo, relacional, com significado emocional intenso e de trabalho, exigindo aprender a lidar com a dor e sofrimento dos outros, morte, más condições laborais, baixos salários e pouco reconhecimento. Por isso, no ensino clínico deve ser estimulado a conhecer a si próprio e só após essa compreensão, ele poderá conhecer os outros.

## CONCLUSÃO

O ensino em Enfermagem busca perceber o paciente como um ser biopsicossocial, valorizando sua cultura, seus valores e suas emoções. Para isso, os estudantes são estimulados, cada vez mais cedo, a captarem esses significados já que, muitas vezes, no ambiente hospitalar, priorizam-se as técnicas, em detrimento do cuidado ao paciente de forma humanizada. Faz-se necessário uma reflexão interna, de autoconhecimento e autorreflexão, para primeiro conhecer a si mesmo, criando mecanismos regulatórios para não se deixar cair nas armadilhas que a profissão de Enfermagem às vezes vivencia, como sua desvalorização monetária, processos desmotivacionais gerais e por um traço atemporal assombrada pela Síndrome de *Burnout*, que por si só demandaria grande estudo.

É preciso, portanto, capacitar emocionalmente os estudantes que futuramente irão trabalhar no cuidado direto e indireto de outras pessoas, pois a capacitação no sentido das habilidades técnicas existe, mas um fortalecimento pessoal, emocional e de construção de competências ainda é um percalço nessa ciência que deveria investir não apenas na raiz biológica, mas também na humana.

## REFERÊNCIAS

- ALZINA, R. B.; GONZÁLES, J. C. P.; NAVARRO, E. G. **Inteligencia emocional en educación**. Madri: Síntesis, 2015.
- BARREIRA, L.N. **Inteligência emocional: associação com job engagement em enfermeiros, no contexto da oncologia**. 2014. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde. Lisboa.
- CASASSUS, J. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.
- COSTA, A. **Inteligência emocional e assertividade nos enfermeiros**. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde). Escola Superior de Educação de Beja. Beja, Portugal..
- DIOGO, P., RODRIGUES, J., LEMOS E SOUSA, O., MARTINS, H., & FERNANDES, N. Supervisão de estudantes em ensino clínico: Correlação entre desenvolvimento de competências emocionais e função de suporte. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental** (Spe. 4), 115-122. 2016.
- ESPINOZA-VENEGAS, M.; SANHUEZA-ALVARADO, O.; RAMÍREZ-ELIZONDO, N.; SÁEZ-CARRILLO K. Validação do construto e da confiabilidade de uma escala de inteligência emocional aplicada a estudantes de enfermagem. **Revista Latino-Am. Enfermagem**. jan.-fev 2015;23(1):139-147.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: A teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional. Temas e Debates**. Atividades Editoriais. 10ª ed., Lisboa: 2001.
- PORTA-NOVA, R. **Adaptabilidade, competências pessoais e bem-estar psicológico de jovens do ensino superior na área das ciências da saúde**. Dissertação de doutoramento em saúde mental. Instituto de Ciências. 2009.
- RABIAIS, I. **Sensibilidade emocional dos estudantes de enfermagem na aprendizagem de cuidar**. In A. Fernandes, Â. Santos, C. Barros, E. Guilherme, M. J. Martins, M. J. Miranda, ...R. Vilela, Emoções em saúde – Contributos (pp. 36-53). Fátima: Corrente Dinâmica. 2010.
- REGO, A.; FERNANDES, C. **Inteligência emocional: Contributos adicionais para a validação de um instrumento de medida**. **Revista de Psicologia**, vol. 19, n.º 1-2, 139-167. 2005.
- RÖHR, F. A. **Multidimensionalidade na Formação do Educador**. **Revista da Educação. ACE**. Brasília, Ano 28, n. 110, p.100-108, jan/mar 1999.
- SILVA, L.M.K. **Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons**. **Revista de Estudos da Religião**. n 3. 2001.
- SILVA, R., PIRES, R., E VILELA, C. **Supervisão de estudantes de enfermagem em ensino clínico – revisão sistemática da literatura**. **Revista de Enfermagem Referência**, III Série (3), 113-122. 2011.
- WATSON, J. **Enfermagem: Ciência humana e cuidar, uma teoria de enfermagem**. Loures: Lusociência. 2002.